

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

CHRISTIAN ESTEVES DE ANDRADE

**O DECLÍNIO DO SAGRADO E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO HOMEM
MODERNO**

São Luís

2021

CHRISTIAN ESTEVES DE ANDRADE

**O DECLÍNIO DO SAGRADO E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO HOMEM
MODERNO**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Ma. Maria Emília Miranda Álvares

São Luís

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Andrade, Christian Esteves de

O declínio do sagrado e a constituição da identidade do homem moderno. / Christian Esteves de Andrade. __ São Luís, 2021.
39 f.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Emília Miranda.

Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia -
Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco -
UNDB, 2021.

1. Sagrado. 2. Identidade. 3. Modernidade. I. Título.

CDU 159.923.2:2

CHRISTIAN ESTEVES DE ANDRADE

**O DECLÍNIO DO SAGRADO E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO HOMEM
MODERNO**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ma. Maria Emília Miranda Álvares (Orientadora)

Mestre em Saúde Materno Infantil (UFMA)

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Ma. Lidiane Verônica Collares da Silva

Mestre em Psicologia (UFMA)

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Dr. Amilton Carlos Camargo

Mestre em Psicologia Social (UNIVERSIDADE SÃO MARCOS)

Doutor em Políticas Públicas (UFMA)

Dedico a meu avô Flaminio Esteves (*in memoriam*) por me fornecer uma imagem vívida da grandeza de um herói.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, que foi calma e segurança, sem as quais não teria encontrado meu ritmo. Agradeço ao meu pai, por me ensinar o valor do somatório das coisas simples. À minha mãe, sempre pronta a navegar comigo rumo às tempestades. E a Milla, que me guiou pela linguagem de mundos e tempos herméticos a mim, e sem a qual o caminho não teria tido o brilho mágico das grandes aventuras.

“Porque em ti está a luz do mundo, a única luz que pode ser projetada sobre o caminho. Se és incapaz de percebê-la dentro de ti, é inútil que a procures noutra parte. Está fora do teu alcance, porque quando chegares a ela, já não te encontrarás a ti mesmo. É inatingível, porque retrocede sempre. Estarás no seio da luz, mas nunca tocarás a chama.”

(Collins, 1995, p. 18)

RESUMO

A pesquisa apresentada tem o intuito de investigar qual a influência do declínio do sagrado na constituição da identidade do homem moderno. Para responder tal problema, dividiu-se o desenvolvimento do trabalho em três capítulos que se relacionam com os principais objetivos da pesquisa. Inicialmente se buscou a conceituação de sagrado e o que tem significado seu declínio na modernidade. Logo após, investigou-se o fenômeno da identidade na era moderna, bem como suas características e entrelaçamentos. O último capítulo destinou-se a demonstrar a relação entre sagrado e identidade. A metodologia compreende uma pesquisa narrativa de literatura, usando como fontes livros e artigos científicos que tratam das temáticas aqui exploradas, e analisadas sob o método hipotético-dedutivo. Os principais achados apresentam que a capacidade de sacralizar o mundo ao seu redor, serve ao homem para que estruture e se situe na construção da sua identidade ao longo da existência. Em contrapartida, com o declínio do sagrado, com o advento da modernidade, se percebeu que o homem ficou sem parâmetros estáveis o suficiente para constituir aquilo que por si só já é mutável, seu ser. Conclui-se então, que a capacidade de sacralizar o mundo é fundamental para a estabilidade de qualquer ideia na conjuntura caótica da existência do homem.

Palavras-chave: Sagrado. Identidade. Modernidade.

ABSTRACT

The present research is intended to investigate the influence of the decline of the sacred in the constitution of modern man Identity. To answer this problem, the work was divided into three chapters that relate to the main objectives of the research. Initially, there was an effort to define sacred and what its decline in modernity has meant. Then, the phenomenon of identity in the modern era was investigated, as well as its characteristics and entanglements. The last chapter aimed to demonstrate the relationship between sacred and identity. The methodology comprises narrative research of literature, using books and related scientific articles as sources, delivering an analysis under the hypothetical-deductive method. The main findings show that the ability to sacralize the world helps man to structure and find himself in the construction of his own identity throughout his existence. On the other hand, the decline of the sacred, throughout modernity has demonstrated that man was left without parameters stable enough to constitute what in itself is already changeable, his being. In conclusion: the ability to sacralize the world is fundamental for the stability of any idea in the chaotic conjuncture of man's existence.

Keywords: Sacred. Identity. Modernity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. DO SAGRADO E SEU DECLÍNIO	14
3 DA IDENTIDADE NA ERA MODERNA	20
4 DA RELAÇÃO ENTRE SAGRADO E IDENTIDADE	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Considerando que o plano da modernidade era liquefazer e desconstruir as estruturas que mantinham o viver em sociedade na Idade Média, ou seja a religião, e trocá-las por novas estruturas hipoteticamente melhores, a ciência, o homem moderno deveria hoje estar melhor amparado do ponto de vista identitário e estrutural. Todavia, o que se observa são multidões cada vez mais perdidas, vazias de sentido, sem saber de si quanto mais para onde ir, e um deus-ciência que quanto mais resposta dá, mais dúvidas cria, sem contar com a eterna sazonalidade de suas certezas.

A principal característica do tempo atual, e sobre o qual se debruça a presente pesquisa, é a indefinição, o transitório, a fluidez e a incerteza (OLIVEIRA, 2006). O que se chama aqui de configuração social moderna é fruto de mudanças na forma do homem se constituir. Quando se pensa em constituição de algo se associa diretamente, devido a herança materialista do homem, a construção, e toda construção para ser sólida e perene precisa de alicerce, de uma viga-mestra, precisa de um esqueleto forte e uma estrutura estável, indifere se pensa-se em um prédio, animal, árvore ou mesmo na psiquê humana, e essa é a questão.

Perdeu-se a viga-mestra, resolveu-se experimentar, e a ousadia do homem foi fazê-lo com algo dele próprio ao invés de algo divino. A ciência pertence ao homem, mas para esse pertencer a ciência, ela precisaria deixar de ter sido criada por ele porque não há certeza maior para o próprio homem do que o fato de ser falível, é do senso comum a ideia de que errar é humano, e isso fragiliza o poder da ciência. Portanto, quando se resolve domar a realidade com o olhar da ciência, fica sempre a dúvida quanto a certeza das respostas que ela pode dar.

Sendo assim, o homem fruto de mera ciência é mais frágil do ponto de vista constitutivo do que o era quando seu criador eram os Deuses. Um Deus, em contrapartida, é material mais que suficiente para constituição de qualquer coisa. Entidade detentora de tanto poder que é capaz de se autoconstituir, surge a partir do nada e do nada crea tudo. Logo, a essência desse homem compartilha em alguma instância da essência do seu próprio criador, fazendo dele o projeto mais audacioso e a grande esperança dentre suas criações. Quando o homem é feito dessa matéria, ele pode então domar a realidade através dos Deuses com perspectiva eterna. Esse homem era mais poderoso do que seu sucessor.

Todavia, esse fenômeno, a Modernidade, se mostrava tão avassalador e tamanha era a certeza da supremacia do conhecimento científico diante do conhecimento religioso à época, que pensadores apontados por Zepeda (2010), tais como Durkheim, Parsons, Max Weber, visualizaram como certa tal substituição e tal movimento convencionou-se chamar secularização. Ou seja, nada mais é que o entendimento sobre o recuo progressivo e inevitável do comportamento religioso diante do avanço científico sobre as instituições de base da sociedade ocidental até seu completo desaparecimento.

Com o passar do tempo, o pensamento religioso e a religiosidade do homem mostraram que não seriam facilmente derrotados pelo pensamento cartesiano, analítico, positivista, e os próprios pensadores que preconizaram seu fim percebem que há uma dimensão, uma partícula, dentro da religiosidade que a compõe, e tal partícula é compartilhada com a própria composição do homem. A religiosidade é tão importante para ele porque surge de sua noética, conceito filosófico explorado por Frankl (2007) para se referir a dimensão espiritual do homem.

Esta característica indissolúvel no homem, que o impulsiona e dá sentido à sua existência e a realidade que o contém, se chama sagrado. No dizer de Xausa, quando apresenta as ideias de Frankl (2007, p.8):

Assim, ultrapassando a visão de homem-máquina e do *homo natura*, Frankl encontra o *homo humunus*, que usa o cinzel para eternizar na pedra um sentimento, que usa o canto ou a prece para comunicar o belo ou o santo. É também aquele que anseia pelo espiritual e vai além do impulso para eternizar uma ideia, uma obra ou alcançar o Eterno, o Suprassentido, no seio do próprio Deus.

Diante disso, mister se faz investigar: qual a influência do declínio do sagrado na constituição da identidade deste homem nesta sociedade contemporânea?

A ideia sustentada aqui é que sagrado se refere a capacidade que só o ser humano tem de divinizar, eternizar e dar sentido as coisas. Assim, com o declínio do sagrado, as estruturas sociais que dão parâmetros à construção da identidade do homem contemporâneo se perderam. Para Durkheim (1982, p. 387) “há algo eterno na religião que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares com que sucessivamente se tem revestido o pensamento religioso”.

O objetivo principal da pesquisa busca explorar qual a influência do declínio do sagrado na constituição da identidade do homem moderno. A suposição é que o sagrado, tal qual a ferramenta de um navegador, fixa pontos na existência do homem, estáveis o suficiente para que ele possa se mover sem se perder enquanto se busca

e se constitui. O sagrado é a tecnologia que a ciência não foi capaz de desenvolver, é a ferramenta suprema diante do universo caótico que cerca o homem.

Para melhor compreensão da discussão realizada, dividiu-se o desenvolvimento do trabalho em três capítulos. No primeiro, buscou-se demonstrar a perspectiva do sagrado escolhida e como tem se configurado seu declínio na era moderna. O segundo capítulo visou abordar a identidade na modernidade, para isso, se mostrou as diversas conceituações de identidade e como as características do cenário atual tem impactado o homem ao se constituir. Por fim, o último capítulo apresenta a relação entre sagrado e identidade, aqui foi explorado além do conceito de sagrado e seus desdobramentos, a jornada do herói elaborada por Joseph Campbell (1990).

Na tentativa de sair do campo abstrato, pode-se pensar esses elementos pelo olhar da literatura. As fábulas de Tolkien¹ demonstram o mito da época atual, nos contos sobre a Terra Média, cenário que se pode relacionar com a Modernidade referida aqui. Esse cenário exige uma jornada de cada homem, tal como a Terra Média enuncia e fomenta a jornada dos seres que ali habitam. O sagrado nesse plano, é a própria magia que une esses seres e que faz com que o homem não seja apenas um homem comum, mas que seja um ser capaz de grandeza. O mito na Terra Média se remete aos grandes reis do passado que estavam junto com os deuses na criação tanto da terra quanto no combate das forças malignas.

Toda essa história é enredo suficiente para que o homem, ou o herói, alcance a si mesmo no processo da busca de sua própria identidade. Sem magia, ou seja, sem o sagrado, a Terra Média morre e se torna uma terra qualquer, todas os seres e criaturas mágicas e místicas, tudo aquilo que dá brilho e beleza à Terra Média se esvai, os elfos, por exemplo, vão embora do Continente para todo o sempre; já Frodo, o detentor do Anel, aquele que fez a grande jornada e que destruiu o mal também teve que deixar a Terra Média pois sem o sagrado, sem a magia, ela passa a ser apenas um lugar para a sobrevivência do homem comum. O problema é que o homem não se contenta em apenas sobreviver, o que ele quer mesmo é os vestígios de seu passado glorioso que poderá ser seu futuro magistral, *O retorno do Rei*².

¹ J.R.R. Tolkien foi um premiado escritor, professor universitário e filósofo britânico. É considerado o “mestre da literatura fantástica”, suas principais obras são: *O Hobbit*; *O Senhor dos Anéis*, e *O Silmarillion*, que foram traduzidas para mais de 50 idiomas, vendidos mais de 200 milhões de cópias.

² Volume 3 da obra *O Senhor dos Anéis* de J.R.R. Tolkien.

Embora o processo de secularização não tenha extinguido por completo a dimensão espiritual do homem, essa está severamente prejudicada porque perdeu sua força sacra que precisa ser alimentada constantemente através de ritos que reivindicam os mitos, que formatam e constroem o ambiente sustentavelmente sacro no qual o homem desenvolve sua identidade de forma segura e estável.

No que tange os objetivos específicos da pesquisa, tem-se: perceber o sagrado e os motivos que levaram ao seu declínio na modernidade; conhecer como a identidade do homem tem se constituído na modernidade, e por último, visa-se identificar a relação entre sagrado e identidade. A importância da pesquisa se faz por tratar daquilo que permite ao homem trilhar sua jornada existencial com consciência de quem é, porquê está aqui, e para onde ir. Sem esses elementos para nortear-se ao longo da sua experiência, o homem pode se vê perdido dele mesmo e do mundo. Os questionamentos e descobertas contribuirão para a compreensão de mecanismos e estruturas do cenário social, tal como identidade e sacralidade, para o aprofundamento do conhecimento da Psicologia do homem.

Utiliza-se a pesquisa revisão narrativa de literatura, de natureza básica e de caráter exploratório. Segundo Prodanov (2013), se define por desenvolver um conhecimento a partir de uma revisão de literatura sobre o tema, utilizando materiais publicados de cunho virtual e/ou físico. A abordagem é qualitativa, se faz necessária pois se “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV, 2013, p. 70). Sendo assim, por optar pela ausência de quantificação e possibilitar maior ampliação no que consiste ao fenômeno estudado, a abordagem condiz com o problema de pesquisa que necessita de uma análise mais qualificativa.

2. DO SAGRADO E SEU DECLÍNIO

Houve uma época em que seria difícil encontrar um homem que não entendesse como parte estrutural do seu cotidiano o conceito de sagrado. Tal tema e por que não dizer sentimento, era constante na vida do homem, andava lado a lado com ele, seja ao abrir a janela ao amanhecer testemunhando a beleza da obra do Criador, ou na mesa do café com a família agradecendo pelo pão num novo dia, ou ainda, com a certeza de que seu trabalho era sua contribuição para o plano de seus Deuses.

A vida para o *homo religiosus*³, aquele que era guiado pela sua dimensão espiritual, era mais interessante, o cotidiano não era mero encadeamento de comportamentos previsíveis cientificamente, biologicamente, socialmente, nem ciclos de ações e reações encerrados em si mesmos, mas sim, a eterna possibilidade simbólica de dialogar com os Deuses, de desvendar as linhas misteriosas do destino. Uma maçã não caía a sua frente pela repetitiva ação de uma lei física (gravidade), sem maiores mistérios. Todavia, o evento estava sempre a um passo da transcendência, pois por trás de toda coisa simples transparece para àquele que pode ver, os planos dos Deuses.

Antes de tudo, é preciso atentar-se aqui que quando se fala em *homo religiosus*, não se está qualificando um homem que possui certa doutrina religiosa, uma crença específica. No entanto, fala-se daquele que exerce sua espiritualidade/religiosidade, proveniente de sua dimensão noética, de sua capacidade de simbolizar de forma co-autoral a realidade. Religiosidade aqui abordada não está necessariamente vinculada a uma doutrina, é sinônimo de espiritualidade.

O mistério cercava esse homem a todo instante pois a sua contribuição poderia ser requisitada ou sua fé testada neste ato continuamente ritualizado, cheio de simbolismo e provações, que se chama Vida. O sentimento de sagrado pairava no ar e conduzia o homem, o orientava, guiava suas ações e dava sentido a sua existência, sempre glorificando seu caminho e a vida como algo muito maior que ele

³ Para Eliade (1992), o termo descreve esse ser humano tão comumente encontrado nas sociedades tradicionais, capaz de alcançar a dimensão sacra. Religiosidade aqui refere a dimensão espiritual, noética que faz parte da integralidade do homem.

mesmo, tirando-lhe o peso de sua pequenez, das vicissitudes e da incerteza de todas as coisas. O sagrado por assim dizer, é a função de dar sentido (ELIADE, 2001).

Segundo Eliade (2001), o homem que sabe viver o mito, redime todos os fatos de sua vida da arbitrariedade. Em verdade, o sentimento de sagrado não era apenas mais um dentre vários sentimentos ou percepções que assessorava o homem diante da magnitude que o cercava, quando ainda era pobre em tecnologia para domar o mundo foi o sentimento de sagrado que lhe deu esse poder, que permitiu explicar, ordenar e controlar a sua própria existência ainda que diante do inexplicável.

É assim que traduz Bataille (apud OLIVEIRA, 2008, p. 22):

A 'inquietação ontológica', que é, de certa forma, aquilo que 'lança' o homem para a 'outra margem' que é a experiência religiosa, é inerente à própria definição de homem: Se alguém me perguntasse o que somos, eu lhe responderia assim: que somos essa abertura a todo possível, essa espera que nenhuma satisfação material acalmará e que o jogo da linguagem não saberia iludir! Estamos à procura de um ponto culminante. Cada um, se lhe apraz, pode negligenciar a procura. Mas a humanidade, em seu todo, aspira a esse ponto, que só ela o define, que só ela justifica e lhe dá sentido.

A história do *homo religiosus* lhe ensinou a reproduzir esse sentimento de maneira eficaz, tornando porque não dizer, uma de suas principais tecnologias. O sentimento de sagrado deve ser alimentado por uma ritualística que tem como objetivo não só a experimentação da sacralidade, quanto a simbolização e construção de algo maior que possa contê-lo em significado e simbolismo: o mito.

Embora esse possa parecer no fim como fechamento da "técnica", o mito sempre é atemporal, pois quando conhecido pelo *homo religiosus*, explica de onde ele veio, reforça quem ele é, lhe diz porquê está aqui e para onde ir. Percebe-se aí que o sentimento de sagrado dá também controle sobre o tempo. Logo, o rito reivindica o mito (ELIADE, 2001).

E é vital controlar o tempo. "Cronos devora seus filhos", essa frase é largamente conhecida na mitologia grega e não obstante, percebe-se que o início da cosmogonia grega consiste exatamente em prender e controlar o antecessor dos deuses do Olimpo, seu pai, Cronos, o Tempo (BULFINCH, 2017). O Tempo é um titã, é uma das maiores forças profanas no mito dos deuses gregos, essa aliteração mostra que existe uma disputa clara entre profano e sagrado e que cabe aos deuses expandir seus horizontes, seu espaço, suas ações com a luz de sua própria essência, o sagrado, e controlar assim, o profano.

Ao pensar nos dias de hoje, entende-se que diferentemente do início do mundo no mito grego, se está no ponto em que tudo termina pois Cronos, o Tempo, foi liberto. A Modernidade Líquida é exatamente este tempo e não há coincidência nenhuma entre a velocidade que se vive hoje e a forma como se é consumido e se consome a existência (BAUMAN, 2001). Para o *homo religiosus*, o controle do tempo significa ser capaz de através de seus ritos elevar-se aos olhos dos Deuses, alcançar níveis maiores em sua jornada. Quando se fala em altitude aqui, não se está falando de forma física, mas sim de forma psíquica, ética, moral, é altitude de consciência, uma consciência elevada a fim de se aproximar de seus criadores, e tudo isso só lhe é possível porque o tempo está sob controle.

Conforme Pinto (2006, p. 1), “em Ciências da Religião, não há palavra mais complicada que ‘sagrado’. São inúmeros e, às vezes, até contraditórios seus significados nos estudos sobre as religiões humanas”. E não haveria de ser diferente, compreender o sagrado está na base da compreensão do próprio homem e tal experiência assume a mesma complexidade que se pode evidenciar na tentativa de entender tudo aquilo que se vê como essência e que ainda que mude, e muda constantemente, permanece, pois o sagrado na existência do homem está como energia na existência da própria matéria.

O homem não pode ser comparado a fragmentos da sua essência, todavia, sem um desses fragmentos não há de se falar em homem. O sagrado não é facilmente acessível, porém ainda assim insubstituível. Por si só, nada é sagrado, o que caracteriza um fenômeno como sagrado é a atitude do homem perante ele. Sendo assim, antes de tudo, o sagrado é fruto de uma postura diante da vida (PINTO, 2006).

O *homo religiosus* não é igual ao homem que tem uma crença, o *homo religiosus* é aquele que faz religare, que faz a ponte, que é capaz de realizar alguma ligação entre céu e terra, aquele que consegue viver o rito, que consiste em sacralizar a sua vida, ou seja, vivendo num mundo material como se vivesse na eternidade (ELIADE, 2001). A diferença entre o homem de uma crença e o *homo religiosus* num primeiro momento é sutil, como a mera colocação de um véu sobre a realidade, quase translúcido, mas por isso mesmo capaz de esconder a simbologia divina contida em cada micro partícula da criação.

O *homo religiosus* ao invés de possuir, é possuído pela crença, está imerso em um simbolismo e não perdeu a capacidade de percebê-lo. Cada ato seu dirige-se

a grandeza, cada ação sua tende ao rito e toda dúvida é amparada pelo mito. Ele não precisa ser convencido de sua crença, pelo contrário, é da crença que ele surge.

Ainda segundo Pinto (2006, p. 2), “podemos, com segurança afirmar que o sagrado remete ao mistério e à reverência, provoca respeito religioso”. Respeito esse que era estendido a todas as áreas da vida e do existir, pois em todas elas, como dito no início, podia-se encontrar um vislumbre do passado. A vida, portanto, para o homem pré-moderno, tinha peso, consistência e profundidade. Seus atos tinham propósito e primavam por ações e pensamentos que não fossem levianos.

E com os pés fincados na realidade, podia com tranquilidade fixar o olhar rumo ao divino, assim como aponta Eliade (2001, p. 53), “O homem só é realmente humano quando imita os deuses. Ao inclinar-se para frente, alcança a si próprio”. Então, o sagrado atingia seu verdadeiro objetivo: domar, orientar o profano, e dava condições ao homem de construir-se a sua vontade que miticamente e poderosamente coincidia com a vontade dos Deuses.

O sentimento de sagrado fazia do *homo religiosus* um ser que andava ao lado de seus Deuses, rumo ao propósito maior, lhe trazendo tanto conforto, como segurança. E no processo de alcançar seus objetivos na vida, ser capaz de se tornar o homem que irá alcançá-los. Essa sincronidade, sinergia entre homem, propósito e divindade forjava uma identidade clara tanto para o homem, quanto para o mundo, quanto para os Deuses.

Flusser (1967, p. 13) ao refletir sobre tal problemática, aponta que:

Durante a época pré-cristã o real era a natureza, e as religiões pré-cristãs acreditam nas forças da natureza que divinizam. Durante a Idade Média o real era o transcendente, que é o Deus do cristianismo. Mas a partir do século XV o real se problematiza. A natureza é posta em dúvida, e perde-se a fé no transcendente.

Sem a capacidade de transcender, o homem se vê imerso num universo de obviedades, onde tudo é o que é à primeira vista. Se as coisas são sem haver nada por trás, sem um sentido maior, sem um propósito mais elevado ao qual se transcenda, fica-se reduzido a uma existência de sobrevivência à mercê do acaso, do tempo que é dado antes da morte. Transcender é uma característica fundamental do *homo religiosus*, ir além do óbvio, do simplesmente dado, a fim de alcançar o simbolismo que o levará a entender a mensagem de seus Deuses e com isso, trilhar uma existência rica de esperança e sentido.

Assim, com a chegada da modernidade e a tentativa do homem moderno, iluminado, racional, de ceifar das religiões o poder exercido por elas até então em todas as áreas da vida, acabou-se por extirpar junto, o próprio sentimento de sagrado. A ciência, filha pródiga da filosofia, deusa da tecnologia, não podia dividir o palco com a religiosidade. Portanto, tentou construir um homem sem a presença dos Deuses, ignorando sua dimensão noética e privilegiando sobre todas as suas faculdades, a razão. Um processo de cisão, e porque não dizer de destruição, iniciou-se não só na imagem de homem, mas na própria imagem de realidade que o cercava.

O plano da modernidade era objetivo, racional, inteligente, as instituições que viriam substituir aquilo que já existia eram claras, funcionais, tecnicamente engendradas para dar certo (BAUMAN, 2001). O casamento, o Estado e seus poderes, a própria religião, não foi num primeiro momento totalmente extirpada, apenas estava circunscrita a porção que lhe cabia neste novo cenário onde a razão podia brincar de blocos como uma criança com seu lego. Destruir para entender, entender para desmitificar e assumir o controle de todas as coisas.

Os Deuses caminharam cada vez mais para o âmbito particular, individual, quase se tornando um *hobby*, a isso chamou-se secularização. A discussão sobre a secularização se dá em plano paralelo a da Modernidade. Trata-se de um movimento sócio-histórico complexo, caracterizado estruturalmente pela visão de um mundo descentrado, profano, pluralista, que sistêmica e aparentemente de forma permanente, invade a vida social, desestabiliza a experiência, as instituições e os saberes, resultando assim, numa realidade profundamente dinâmica, contraditória, ambígua e melindrosa (ZEPEDA, 2010).

É possível perceber que faltou argamassa suficientemente boa para ligar todos os blocos, e um homem cheio de desejo de controle, com nada que pudesse lhe guiar e estar acima dele, é um homem que não se satisfaz nem mesmo com aquilo que construiu. Então, o único processo que permaneceu vigente no movimento moderno foi o ato de destruir sucessivamente, cada vez mais rápido, na ansiedade constante de se estar quase ao alcance de um modelo sempre melhor, como diz Bauman (2001), criar novas estruturas é sempre mais fácil que manter aquela já vigente, novas soluções num primeiro momento nunca parecem ter falhas.

Não há estabilidade suficiente na deusa da tecnologia para guiar o homem, tão pouco para lembrá-lo e ao mundo, de suas identidades. Paradigma após paradigma, as certezas da modernidade se tornaram poeira ao vento num tempo cada

vez mais escasso e veloz. Logo, fica claro mais uma das funções misteriosa do sagrado na vida do homem, ligar todas as coisas, criar sincronicidade, unificar realidades, tal como Flusser (1967, p. 11) quando diz que “a religiosidade é o lugar no qual se articula o senso de realidade. E senso de realidade é, sob certos aspectos, sinônimo de religiosidade”.

3 DA IDENTIDADE NA ERA MODERNA

Está na essência do discurso linguístico, e como primeiro e principal propósito deste, a suficiente capacidade de identificar todas as coisas. Se a criação da linguagem teve um propósito inicial, esse foi ele. E muito facilmente se percebe sua repetição indefinidamente toda vez que uma criança é ensinada a falar. Começa-se o aprendizado simbólico a partir da nomeação e identificação de todas as coisas: “papai”, “mamãe”, “água”, “au au” etc. “O conceito de identidade tem sua origem na filosofia. Utiliza-se este conceito para descrever algo que é diferente dos demais, porém idêntico a si mesmo” (MIRANDA, 2013, p. 14)

Percebe-se de imediato que até mesmo a apropriação do conceito de identidade precisa de uma reflexão dialética, para que tanto no olhar voltado para si mesmo, quanto no olhar derivado do outro, se possa então delimitar as fronteiras do eu, do tu, do ele... E essa mutabilidade constante, em grande medida, se dá inconscientemente, de maneira a pulsar entre a identificação própria e a identificação por outros (MIRANDA, 2013).

Segundo Maia (2008, p. 30), “podemos dizer que *toda* coisa tem identidade na medida em que ela é aquilo mesmo que é. [...] A identidade está, portanto, na própria evidência de cada coisa”. Percebe-se aí a densidade do discurso linguístico para poder explicar aquilo que É; o verdadeiro ponto de mutação; o vazio que se move pelo tempo adornado de história; de resíduo ontológico, de onde brota constantemente matéria idealizada para uma eterna e constante construção de um eu desejado, eu esse, que ainda não tendo alcançado e mesmo que nunca se alcance, já se possui como seu.

A dificuldade da delimitação deste conceito reside na própria dificuldade de sair-se de si e olhar para si, sem durante o processo ter se perdido, então faz-se necessário um movimento praticamente quântico, aonde pulsa-se de um lugar a outro a margem do tempo, sem deixar-se que o tempo realmente pare, do contrário não há mais de se falar em realidade, e sem nunca perder de vista a harmoniosa completação dos opostos. É nessa dialética do ser e não-ser, num lugar e tempo simbólico, que o homem constitui a si mesmo, a sua identidade (HEIDEGGER, 2015).

Heráclito (apud MAIA, 2008, p. 51), por sua vez, “[...] afirmava a unidade essencial dos contrários, toda identidade é instável. Não há identidade permanente, não podemos entrar duas vezes no mesmo rio. A oposição está no íntimo das coisas”.

Heráclito audaciosamente lançou a humanidade diante do poder avassalador do movimento, no lugar mais à mercê do tempo que se conhece, no plano da realidade, do viver, do *carpe diem*, onde a única coisa imutável é o próprio movimento.

Num primeiro momento, parece mais fácil capturar conceitos e definições a margem da percepção do tempo. Todavia, nada seria tão falso, tão irreal, pois a beleza e martírio da vida se encontram na volatilidade, tal qual mil notas de um mesmo aroma ao passar das horas. Para Parmênides (apud MAIA, 2008, p. 53) no entanto, “Tudo é ser, e ele não vê nada além do ser. O que é (o ser), é, e não pode não ser. O não-ser não é, e não pode ser. Para ele o ser é único e imóvel, a mudança é aparência ilusória”. E ele não estava errado pois, que parte da célula é real, ou identifica a célula? É a parte densa e estrutural (SOL), ou a parte móvel capaz de lançar-se em movimentos pseudópodes, fluídos (GEL)? Ou ainda, o universo estático e hiper denso antes do Big-bang é menos real do que o é agora, movendo-se a velocidade da luz, repleto de antimatéria?

Sendo assim, matéria e imatéria, inércia e movimento, ser e não-ser, constituem em verdade, a unidade que compõe toda identidade. Ainda que através de mil escolhas e n atitudes o homem possa se mover em direção a várias identidades ao longo da existência, sempre retorna para uma ideia icônica e constante de si mesmo, integral, imagem essa que julga que é. “Este ato passa, mas eu sou e permaneço daqui por diante um eu que decidiu desta ou daquela maneira, [...] enquanto ela [a decisão] é válida para mim, posso voltar a ela muitas vezes” (HUSSERL, 2001 p. 83).

Enquanto isso, no plano das ideias, da abstração, do metafísico, onde a pureza dos desejos do homem de compreender o que o cerca cristaliza todas as verdades, Platão harmoniza as duas perspectivas discutidas até aqui. Para ele a natureza é composta por coisas mutáveis e fluidas e por substâncias que não se decompõem, que são eternas e imutáveis. Tais substâncias são próprias do mundo suprassensível, enquanto o plano físico e dos sentidos comporta aquilo que se desfaz com o tempo. A esses elementos básicos, estruturais e imutáveis ele chamou de fôrmas ou ideias perfeitas, que seriam padrões espirituais de onde derivariam todas as outras coisas (GAARDER, 2012).

Mesmo tendo sentido que a tarefa de conceituar essa entidade de si próprio chamada identidade, o homem moderno é impelido pelo materialismo cartesiano que o compõe a continuar desenvolvendo a tarefa, no afã quase jocoso de obter uma

definição e precisão sempre maior e melhor, a despeito mesmo da superficialidade na qual está imerso, nessa sua pós-história. Os dois termos cunhados por Flusser (1967) em sua filosofia, marcam um olhar sobre os eventos que são vividos hoje, caracterizando esta época como aquela em que se trocou a hegemonia dos textos escritos pela supremacia da imagem. A essa sociedade ele chamou de pós-histórica.

No olhar do autor supracitado, na sociedade pós-histórica tornou-se ainda mais complexo conceituar ou constituir identidades, pois o homem avançou para outra problemática paradigmática, a de compartilhar a realidade com o processo de automação de informações que acaba por tirar de suas mãos o controle sobre a produção de verdades. Ele divide agora a realidade com inteligências artificiais e toda sorte de desdobramentos de informações que embora possam nascer dele, ganham vida própria, quando intermediadas por todas as tecnologias compartilhadas nesse mundo tecno-globalizado, de tal forma que o criador passa a ser influenciado e constituído ontologicamente por suas criações. O homem criou a tecnologia, porém, hoje também descende dela.

Nesses termos, num cenário aonde se estende o corpo físico com biorrobótica, nano chips sencientes, e se dialoga cada vez mais com utensílios domésticos e algoritmos cibernéticos, surge de novo o questionamento sobre identidade. O homem vive, pois, um momento para sua autoimagem, onde o ponto de mutação está mais vazio do que o de costume, e Flusser acaba de demonstrar isso, pois até aquela fôrma estrutural, mais básica, mais icônica do que é humano dita por Platão, está sob ataque direto do questionamento “o que é ser humano”.

Ou seja, não se enfrenta aqui o desafio de encontrar uma fôrma individual apenas, mas, mais do que isso, não se tem mais sequer os parâmetros de uma fôrma geral, que engloba toda a humanidade, fôrma que é remanso no rio de Heráclito, que é impulso já conhecido na caixa preta de Flusser (FOTO PLUS BRASIL, 2020), ícone que já habita os alicerces da linguagem com significado estável e pronto, tal qual sombra refletida nas paredes das cavernas por gerações.

Percebe-se agora, a magnitude do desafio do homem moderno, um homem que tem que se constituir num mundo onde mesmo a linguagem não é mais confiável; onde as estruturas sociais quaisquer que sejam, não passam de blocos de gelo flutuantes, tanto a se mover, como a desfazer-se com o tempo; onde a religiosidade, último reduto de estabilidade e segurança, está tão enfraquecida que urge exasperadamente por solo sagrado; onde o tempo não é só rápido e célere, mas, mais

do que isso, não possui mais sequer continuidade, é pontual, fragmentado e teletransporta o ser de um momento a outro aniquilando qualquer sentimento de vínculo ou pertencimento (BAUMAN, 2001).

Ao refletir sobre a identidade na era moderna, Maia (2008, p. 14) afirma que:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Na modernidade, aos olhos de Paul Ricoeur (apud MIRANDA, 2013) sob influência de tamanha fluidez, o autor já parte de um conceito dual, onde percebe a manifestação da identidade como identidade-idem, ou seja, mesmidade, ser idêntico a si e imutável no tempo, e identidade-ipse ou ipseidade, forjada de forma reflexiva, esculpida pela auteridade. "É nessa identidade-ipse reflexiva que cabe a possibilidade de mudança, diferente da identidade-idem que é genética (socialização primária)" (MIRANDA, 2013, p. 14).

Em Castells (apud MIRANDA, 2013), vê-se a identidade dividir-se em individual e coletiva, forjada a partir das relações e poder inerentes a tentativa de conciliar um eu que resiste a formatação das pressões sociais lançadas sobre ele e que tenta se manter autêntico a despeito das necessidades do coletivo. Este papel social introduzido por instituições dominantes na sociedade parece vir sob o predicado de legítimo, forçando a imagem pura do desejo individual do ser a categoria marginal, rebelde, de resistência.

Assim pode-se resumir que:

O sujeito pós-moderno nesse contexto, se é que podemos falar de sujeito, não possui mais uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade a partir daí torna-se uma "celebração móvel" formada e transformada continuamente em relação a formas pelas quais somos representados ou "interpelados" nos sistemas culturais que nos rodeiam. A identidade até então permanente, unificada, completa, segura e coerente, nos dias de hoje torna-se uma fantasia, pois, a partir do momento em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam e se pluralizam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, que poderíamos nos identificar temporariamente (HALL apud LAGO, TAROUÇO e SILVA, 2016, p. 318).

Quando se reflete sobre o tempo atual, o qual é pano de fundo para o indivíduo alcançar seu primeiro e último objetivo, que é se constituir, descobrir quem é e o sentido de sua existência, fica claro que as transformações sociais influenciam diretamente na concepção da chamada identidade do homem moderno. Há inúmeras razões para acreditar que tal período torna essa construção de si mais complexa e delicada, o que pode favorecer com que muitos tendam a desistir de tal empreendimento e assumir que a identidade é, na verdade, um amorpho de atribuições e ocupações.

Vale deixar claro a importância da intencionalidade desse ato, o ato de constituir-se, de forjar sua própria máscara, sua identidade, no trilhar de um caminho ainda que sem mapa, guiado apenas por alguns marcos estruturais já conhecidos. Tornar-se alguém é ato de vontade, de escolha e determinação.

A principal característica desse tempo moderno se traduz na desconstrução sempre veloz e constante de si mesmo, que enseja a responsabilidade do homem de fazer seu próprio caminho, não tendo mais influência das tradições e costumes sólidos para seu embasamento. Para Bauman (2001), a sociedade moderna é marcada pela ruptura com o passado e possui um caráter líquido que visa destruir antigos padrões, valores e estruturas sociais, antes fortemente cultuadas pelo seu poder de orientar os indivíduos no trato social.

Pensando nisso, é possível perceber que a modernidade é melhor descrita por uma tendência imperativa ao consumismo, e nesse processo entra a necessidade sempre urgente de pertencer a grupos e movimentos com objetivo de assim se constituir como alguém que é e age de determinada forma, como uma possibilidade de autorreferência, pois é sempre mais fácil e rápido vestir uma máscara que já existe, do que esculpir a sua; outra característica, já citada aqui, é de um tempo fragmentado, pontilhista, que incita o homem a aproveitar cada minuto de tempo (consumindo) sem se preocupar com as condições futuras; por último, tem-se como qualidade da modernidade, a própria liberdade de escolha, ou como se pode observar, a obrigatoriedade dessa (Bauman, 2008).

Essa qualidade é um tanto quanto desconcertante já que o homem é praticamente impelido a escolher para poder pertencer a tal sociedade, então é uma liberdade que já nasce com restrições, formatada, direcionada. Sim, você pode escolher, contanto que escolha dentro das oportunidades ofertadas, pois a opção de não escolher é estranha, malvista. Liberdade conduzida e autovigiada.

Não há de se falar em liberdade, disciplina, controle e poder na modernidade, sem pensar imediatamente em Foucault e Deleuze. Esse indivíduo que luta para se constituir tem como cenário, em termos de poder, inicialmente aquilo que Foucault (1987) chamou de sociedade disciplinar, ou seja, a sociedade constituída a partir de moldes que irão determinar de forma rígida e disciplinar o papel/identidade dos indivíduos em determinadas instituições e ambientes. De forma mecânica e repetitiva, modula-se aquilo que se espera dele num momento e lugar apropriados.

Na sociedade disciplinar, o poder aparece externamente, coercitivamente, da fábrica para o empregado; da instituição prisional para o preso; da igreja para o crente, da família para os filhos e pais, num processo de produção condizente com a Revolução Industrial e das Máquinas (FOUCAULT, 1987). Porém, esse poder pesado, visível, joga um jogo mais limpo e franco, permitindo a consciência do embate. Com a modernização dos processos e o salto tecnológico dos eletrônicos, ou no dizer de Bauman (2001), a passagem da modernidade sólida para líquida, Deleuze (apud COSTA, 2021) alerta para uma mudança sutil nos termos do jogo social.

As relações de poder evoluem para se tornar invisíveis, e aquilo que era chamado de sociedade disciplinar, é agora chamado de sociedade de controle, a fábrica vira empresa e com isso não se tem mais fronteiras físicas, nem mesmo um carrasco externo disciplinador, pois agora você mesmo defende os princípios da sua empresa e promove sua regulação, se sentindo, todavia, por pura ingenuidade, livre, já que foi você mesmo que decidiu por esse caminho.

“Não digo que esse seja o único objetivo das estradas, mas as pessoas podem trafegar até o infinitivo e ‘livremente’, sem a mínima clausura e serem perfeitamente controladas. Esse é o nosso futuro” (DELEUZE, 1999, p. 5 apud OLIVEIRA, 2006, p. 30). O poder interpenetrou os espaços sociais, os limites, supostamente, não existem mais, sinalizando assim a derrocada das instituições de confinamento estudadas por Foucault e o aparecimento de dispositivos de controle em redes escondidas a olhos vistos. Ao invés de disciplinar-se o indivíduo com lugar e hora marcada, agora a modulação é constante e irrestrita, regulando diretamente o tecido social.

Corroborando com essa leitura, um autor mais atual, Byung-Chul Han (2015) na obra *Sociedade do Cansaço* afirma que, por isso mesmo, pode ver em tempo real os acontecimentos e desdobramentos daquilo que Deleuze previu, esclarece que na sociedade moderna, de desempenho e do trabalho, o homem é

vítima da autoexploração, aquela que transforma um único indivíduo em senhor e escravo ao mesmo tempo, como uma espécie de autorregulação do seu próprio fazer. Assim, não há mais distinção clara entre vida profissional e vida pessoal, tudo é ao mesmo tempo um caminho para aquilo que o homem acredita ser a realização.

Também não há de se falar mais em levante e revolução, já que não há mais alguém, figura de tratamento, ou algo com o qual se rebele, pois o indivíduo introjetou em si mesmo as amarras que o contém. E afinal de contas, todos estão à mercê do sistema. E o sistema parece a eles inacessível, inviolável, imutável, pois num mar de individualidades desconexas, perde-se a noção coletiva de que foi ele mesmo, o homem, quem criou o sistema. Para Chul-Han (2015, p. 115), “A autoexploração é muito mais eficiente que a exploração estranha, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade”.

4 DA RELAÇÃO ENTRE SAGRADO E IDENTIDADE

A despeito de todo conhecimento que o homem adquiriu ao longo dos tempos, de toda filosofia, de toda ciência, de toda tecnologia que o cerca, da capacidade de construir e modificar o ambiente ao seu redor, até mesmo criar outros seres geneticamente modificados ou roboticamente engendrados, ele continua sendo basicamente um contador de histórias. Ainda se está contando, embora de maneiras distintas, a história de quem o homem é, como ele chegou aqui e para onde ele quer ir. Por isso, o mito é tão importante na construção da sua identidade.

O mito é composto por inúmeras narrativas de existir, onde cada personagem em seu próprio trilhar da história é o herói. Embora na narrativa central se acompanhe a jornada do grande herói, não faltarão tipos de heróis distintos para que todos se espelhem. Todos esses papéis se repetem em maior ou menor proporção de autenticidade. A completa originalidade é momentânea, fugaz, e fica renegada à subjetividade do destino de forma atemporal e imaterial.

O mito mais do que revelar a busca de um sentido, dá ao homem um manual de como experimentar uma vida com sentido. É o exemplo que se quer ter depois de entender a teoria. É a chave da porta que se abre para o transcendente, para o homem iniciar um trajeto que engloba o mais refinado em sua identidade: a sua imagem espiritual (CAMPBELL, 1990). A imitação é sua base para o processo de aprendizagem, imitando o herói mitológico, se aprende como viver para se tornar o que se quer ser. O mito ensina que para a construção da identidade que tanto se deseja, tem-se antes que adquirir na experiência da vida algumas habilidades (virtudes) e que tudo isso é fruto de um trabalhar em si mesmo, nesse constructo imaginário que o homem quer se tornar.

Ao refletir sobre os mitos, Campbell (1990, p. 17) afirma que “Eles ensinam que você pode se voltar para dentro, e começar a captar a mensagem dos símbolos”. Através do mito o homem revela e passa a fazer parte da charada simbólica da existência, passa a ver o mundo para além dos fatos e começa a buscar a mensagem por trás deles. O mito ensina como falar com seus deuses. Por isso, aquilo que se aprende através do mito é sólido, estável, duradouro.

Pode-se fazer uso de uma alegoria de Jostein Gaarder (2012, p. 153):

Imagine agora que a realidade seja essa fogueira. Aquilo que queima é Deus - e a escuridão distante é a matéria da qual são feitos animais e homens. Próximas de Deus estão as ideias eternas, que são as substâncias

primordiais de todas as coisas. Acima de tudo, a alma humana é uma “centelha do fogo”. [...] em tudo na natureza brilha um pouco da luz divina. [...] Eu digo que há algo do mistério divino em tudo que existe. [...] chegamos mais perto de Deus através da alma que existe dentro de nós. Somente por meio dela é que podemos nos reunir ao grande mistério da vida. Sim, em momentos extraordinários podemos experimentar, no nosso íntimo, esse mistério divino.

Cabe aqui uma indagação: ora, se os ritos permanecem, ainda que espalhados e de forma desordenada, não mais inseridos num roteiro social guiados pelos ensinamentos que concatenem a todos, nem reverenciam mais os mitos, onde está então a força de sua simbologia, sua mensagem? Não se pode esquecer que a mensagem simbólica introduzida no rito talvez esteja mais no olhar do homem que o vive, do que no ato em si. Lembra-se aqui de Eliade (2001) quando explica que está no *homo religiosus* a capacidade de sacralizar tudo ao seu redor e redimir a vida da arbitrariedade.

Em seus estudos, Campbell (1990), no afã de desvendar os mistérios existentes nos mitos de todos os tempos e de todos os povos, passando por ritos e mitos, desde uma pequena tribo de caçadores da Tundra Siberiana ou do mar gelado do Alasca até a complexidade da mitologia de grandes civilizações como Grécia e Roma, descobre a existência de uma estrutura que se repete em todas elas. A essa sequência de passos, chamou de a jornada do herói, monomito.

No monomito identifica-se uma sequência de ações, um roteiro de estágios que devem ser sofridos pelo homem comum para que ele se torne então o herói, o protagonista de sua própria existência pois é isso que significa ser herói de uma história (CAMPBELL, 1990). O personagem que vive uma vida simples e comum, corriqueira, confortável, é convidado a retirar-se desse estado homeostático, para cumprir uma missão, sair numa viagem, numa aventura.

Seu primeiro desafio é aceitar a missão, missão essa que aparentemente foi feita para ele, a jornada de Hércules não poderia ser dada a mais ninguém além do próprio Hércules (BULFINCH, 2017). Se Frodo na reunião da Sociedade do Anel, em Valfenda, não entendesse que cabia a ele, dentre todos os seres da Terra Média, ser o portador do anel, a aventura nem teria começado. Isso fica evidente nas frases: “o anel veio a mim”, “é minha carga”, “meu precioso” (TOLKIEN, 2001).

A partir daí, o personagem receberá alguns presentes que aparentemente são vitais para que ele consiga completar a missão (GALVÃO, 2017). Frodo, por exemplo, recebe a espada “ferroada” e mithril, assim como a capa élfica, sem contar,

com os companheiros de viagem que se dispuseram a protegê-lo e guiá-lo pela jornada (TOLKIEN, 2001); Hércules, sua força divina, a capa feita da pele do leão de Neméia e a companhia do seu sobrinho lolau (BULFINCH, 2017); Perseu, recebeu a espada, o elmo e o escudo dos deuses, assim como a companhia de Pegasus, seu corcel alado, e os conselhos e sabedoria de Atena através de Bubo, a coruja mecânica que o acompanhava (BULFINCH, 2017); e ainda Luke que recebeu o sabre de luz, que um dia fora do seu pai ao aceitar abandonar sua vida pacata de fazendeiro e ingressar na jornada para se tornar um jedi (LUCAS, 2019).

Com tais presentes, o personagem enfrentará um sortilégio de provações e perigos que irão testá-lo e forjá-lo ao mesmo tempo, até o ponto em que enfrentará o maior de todos, aquele que exigirá seu maior sacrifício, sua morte, apenas para renascer livre de suas dúvidas mundanas, e agora se tornar finalmente, o herói que estava destinado a ser. Harry Potter precisou morrer para voltar com a capacidade de derrotar Voldermort (ROWLING, 2007); Perseu, literalmente desceu aos infernos, mundo dos mortos, para voltar com a cabeça da Medusa e derrotar o Kraken (BULFINCH, 2017); já o simbolismo da morte na aventura de Frodo o acompanhou durante toda a jornada, ele morreu em inocência quando deixou o Condado, morreu em esperança na caverna de Laracna, e abandonou suas forças e vontade aos pés da Montanha da Perdição e teve que ser carregado por Sam, seu amigo leal (TOLKIEN, 2001).

O personagem morre, pois no monomito, a morte é a transmutação necessária para que o sofrimento das provações se transforme em crescimento pessoal e ascensão de um novo eu, um eu maduro e complexo, conhecedor de suas forças e fraquezas, construído através de seu esforço no trilhar de um caminho misterioso e divino. Morre para renascer. Assim se cria um herói. Vencer a morte diz ao personagem que não há mais nada a temer, pois sequer a morte pode retirar dele sua essência, seu eu, quem ele é (CAMPBELL, 1990).

Agora, o personagem põe a prova o seu novo e heroico eu, derrota o inimigo, recebe o prêmio e volta para seu lar. Frodo destrói o anel e volta para o Condado (TOLKIEN, 2001); Perseu destrói o Kraken, salva a cidade e casa com Andrômeda, e pode finalmente voltar a ser um pescador (BULFINCH, 2017); Harry Potter, destrói Voldemort salvando a todos, ganha a varinha-das-varinhas e a sabedoria para desfazer-se dela, e segue para uma vida tranquila com sua namorada

e amigos, não temendo mais aquele cujo nome Não-Pode-Ser-Mencionado (ROWLING, 2007).

É importante lembrar que o herói não trilha a sua jornada por motivos egoístas, se assim o fizer se tornará um tirano, tal qual Anakin ao se tornar Darth Vader consumido pelo ódio de não ter conseguido o que queria (LUCAS, 2019). Para Lúcia Helena Galvão (2017), “O herói é antípoda do tirano, é exatamente aquele homem que aceitou conscientemente subordinar-se as leis universais, fazer o que é justo, nobre e bom”. Ele faz o que faz, para todos, para o bem comum, para aquele que precisa. Ele se torna o herói para suprir uma necessidade do mundo e recebe a grata surpresa de encontrar a si mesmo no caminho.

No monomito, o herói é aquele que parte da simplicidade e volta para ela dando esperança a todos, demonstrando que qualquer um pode ser o herói. Para Campbell (1990), é assim que o homem constrói sua identidade. Ao longo de sua vida, trilhará várias jornadas do herói que o levarão ao crescimento e maturidade, a um conhecimento cada vez mais profundo de si. Todos os homens são heróis em potencial.

A exemplo, quando um adolescente Inuí sobrevive ao inverno sozinho longe da tribo e volta na primavera não mais um menino, porém um homem, se torna mais um caçador/provedor para toda a tribo e recebe o direito de ter sua casa individual e sua família. Quando um Masai retorna da caçada de seu primeiro leão, se torna um guerreiro aos olhos da tribo com todas as regalias que um guerreiro Masai tem.

A necessidade de entendimento sobre ‘quem somos’, nesse contexto de nacionalismo, leva aos supostos vínculos entre reconhecimento e identidade. A identidade é vista como capaz de designar as características fundamentais dos seres humanos e é moldada pelo reconhecimento ou ausência dele (MIRANDA, 2013).

No entanto, quando um garoto do interior nos dias de hoje, vem a cidade grande fazer faculdade, e ao final de sua bravata retorna para casa como um homem formado, não é mais recebido com orgulho e deferência de sua nova posição pelos familiares e conhecidos de sua cidade de origem, como outrora. Por quê?

O rito de passagem, a jornada do herói, serve para transmutar a criança egocêntrica, instável emocionalmente, que está voltada para seus próprios interesses e desejos, num homem com estabilidade emocional, um senso maior de propósito, capaz de se sacrificar pela necessidade da comunidade, daqueles que o cercam, que

entende que a sua vida consiste nessa equilibração entre o indivíduo e o coletivo. Ele entende que tanto prêmios quanto privações, fazem parte da jornada da vida, que se descobre quem é através das ações tomadas nesse percurso, e que apesar de mudar ciclicamente no ato de se desenvolver, não está preso num *looping* vicioso, mas sim, sobe degraus numa escada helicoidal onde ao passar por situações similares aprende novas lições. A vida para esse homem não é monotonia e tédio, é descoberta e crescimento (GALVÃO, 2017). Sua identidade não muda meramente ao longo do tempo, aprimora-se, pois quem era ontem não é abandonado, mas se torna o sustentáculo de quem será amanhã.

O rito de passagem ainda parece estar presente nos dias atuais, porém, sem o peso que deveria ter, foi esvaziado de sentido. No dizer de Ricoer (apud MIRANDA, 2013) as peculiaridades que identificam o indivíduo são sedimentadas pelo hábito, que acaba por solidificar suas características, é o hábito que dá peso a identidade, é o hábito que legitima aquilo que um dia foi só inovação, é ele que confere constância e continuidade a identidade ao longo do tempo. É na repetição do hábito que se constrói um ritual e, na comemoração desse no decorrer das eras que se cria o elo, a ponte, onde o divino toca a vida do homem, onde o mito se torna real.

O caçador Inuíte e o guerreiro Masai estão conscientes da jornada, sabem porque passaram pelo que passaram e sabem para onde estão indo. Todavia, na maioria das vezes, o bravo universitário não faz ideia do que está fazendo, apenas segue um movimento pré-definido supostamente já testado por outros e junto com a massa segue rumo à capacidade sempre maior de apenas sobreviver e consumir no imenso mercado que é a vida moderna. Não deixa de ser criança, apenas passa a ter poder de compra, de consumo.

Segundo Han (2015), ao refletir sobre a configuração social atual que se orienta por uma lógica produtiva e mercantil, afirma que o mundo perdeu sua conexão com o divino, com o sagrado e mistério, com o elevado. Ocupa-se esse vazio e o espaço que antes era do supremo e sagrado por mercadorias, e assim, o mundo se torna um lugar difícil de ser habitado, onde o barulho da comunicação incessante rouba do homem a capacidade de quietude, de escutar o vazio, a contemplação depois do tédio. Para o autor, não se pode viver num shopping, é tempo de se retomar a morada, lugar de celebração e culto à vida, onde existir tenha sentido e valha a pena viver.

O sagrado tem esta função, de embutir no rito a capacidade de transmutação, de ultrapassar o véu da realidade, do profano e permitir que o homem alcance a mensagem simbólica do divino, lançando-lhe em sua própria cosmogonia, fazendo com que o mito poderosamente o transforme, e tudo isso depende da capacidade do olhar lançado sobre a realidade por esse indivíduo, de que ele aceite a jornada a sua frente.

O homem moderno ao abraçar sua pequenez e fragilidade como certas, desferiu um golpe mortal na sua capacidade de olhar-se grandioso, na sua inteiração com os elementos cósmicos que ainda não compreende, na audácia de navegar rumo ao desconhecido, tendo como bússola sua vontade e sua essência, ser capaz de andar nu na existência, apenas com sua identidade, com a suficiente certeza de saber quem é.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto até aqui, foi possível perceber que a capacidade de sacralizar o mundo é fundamental para a estabilidade de qualquer ideia na conjuntura caótica da existência do homem. Assim, se faz vital tal habilidade no ato de constituir a sua identidade, conceito esse que por si só tem como característica a mutabilidade e volatilidade, diante do tempo e do cenário. O sagrado é essa cola, superior a todas as outras, capaz de dar estabilidade àquilo que não tem, concedendo ao homem assim, o tempo que se fizer necessário para abraçar a imagem que ele quer de si mesmo.

O sagrado refreia a usual ansiedade diante do desconhecido e norteia as escolhas diante das indecisões da vida. Com a perspectiva de um mundo sacralizado, o homem deixa de ser uma folha ao vento ou um barco à deriva, para compor uma cena épica no simbolismo de uma tapeçaria que vem sendo tecida desde o início dos tempos pelas hábeis mãos daqueles que contam sua história. Em contrapartida, com a destituição do sagrado na vida do homem pelas características da modernidade, forjar-se esse indivíduo capaz de se constituir, a despeito das incertezas que o cercam, das travessuras do tempo que afetam inclusive a estabilidade do espaço, e na ausência de um sentido que pareça compensar a dureza do caminho, torna-se deveras difícil.

Esse homem, pois, que carrega dentro de si um enorme vazio, vazio de si mesmo, tenta desesperadamente completar-se num ato exasperado de consumir tudo ao seu redor, sem nunca perceber que aquilo que vai preenchê-lo sequer faz parte do plano material, encontra-se em outro plano para o qual não possui mais ponte, ainda que a ponte seja ele mesmo. Diante de tamanha volubilidade de sua essência, o homem anseia cada vez mais por estruturas seguras do lado de fora.

Ao desenvolver a presente pesquisa, foi encontrado como principais limitações a escassez de referencial teórico na Psicologia que aborde o problema da identidade em sua complexidade e magnitude, sendo então necessário recorrer a outros campos de conhecimento, como a filosofia e a sociologia. Outro tema pouco discutido por essa área do saber é o que envolve o sagrado e espiritualidade/religiosidade, o que aponta que a Psicologia, só agora diante da urgência de tais questões, começa a se aproximar desse campo, pois durante muito

tempo, no afã de pertencer a Ciência, se afastou de observar a dimensão noética do homem.

Outro aspecto que pode ser destacado como limitador da investigação envolve o fato de não ser uma pesquisa de campo, uma vez que a experimentação e a observação empírica do fenômeno estudado, poderia revelar novas impressões. Diante de tudo isso, a execução da pesquisa possibilitará que se compreenda de modo mais profundo a relação entre sagrado e identidade na era moderna, além de apontar para outros temas que fazem parte de tal universo, como: ritos e mitos; a importância dos oráculos na jornada de construção da identidade; o valor das crenças religiosas na composição da dimensão psicológica, dentre outros.

Assim, a pesquisa enfatiza a necessidade de realização de mais investigações científicas sobre a problemática que foi estudada, além de incentivar o olhar da Ciência a respeito da importância da religiosidade. Vale também lembrar que a perspectiva escolhida aqui contradiz a crença de parte das teorias que considera que o movimento do sagrado para outras instituições, que não as religiosas, não interfere no seu valor tão pouco nos efeitos que esse pode gerar na constituição do homem.

Optou-se por um caminho oposto, caminho este que acredita que para o sagrado ter influência sobre a vida do homem, é preciso de toda uma estrutura que o retroalimente, compostas de ritos e mitos, e que no mínimo o mundo se encontra numa crise do ponto de vista ritualístico e mitológico, onde os mitos e ritos cultivados outrora pelas religiões perderam poder e aqueles instaurados pela Ciência, e porque não dizer pela própria modernidade como sistema que engloba os indivíduos, não se sustentam, se encontram fragmentados, isolados, ridicularizados.

É nesse sentido que se faz tão importantes histórias e parábolas da época atual, mitos literários, vídeo-mitos, como as histórias de Tolkien, *Star Wars*, e até mesmo Harry Potter, que construídas de forma intencional ou não sob os ditames do monomito, impactaram e impactam até hoje as novas gerações. Talvez, e agora com um olhar mais benéfico e esperançoso, lembrando que na história do homem já se esteve tantas vezes em momentos e lugares sombrios, e que para o homem daquela época possivelmente não havia mais soluções, nem saídas, se possa entender que ainda assim seu espírito prevaleceu e chegou-se até aqui, com força suficiente para se analisar e crescer diante da sua trajetória. Assim como se mostra a própria

ressurreição do herói, no monomito, para o indivíduo, também possa acontecer o ressurgimento do mito em relação a toda humanidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim. 2 ed., editora: HarperCollins. 2017.

CAMPBELL, Joseph (1904-1987). **O poder do mito, com Bill Moyers**; org. por Betty Sue Flowers [tradução: Carlos Felipe Moisés]. – São Paulo: Palas Athena, 1990.

COSTA, Rogério da. **Sociedade de controle**. São Paulo em perspectiva, v. 18, p. 161-167, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-88392004000100019>>. Acesso em: 24 de out. de 2021.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1982

ELIADE, Mircea (1992). **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade**. São Paulo: Comissão Estadual da Cultura, 1967.

FOTO PLUS BRASIL. Arlindo Machado (1949-2020): palestra no seminário Vilém Flusser. **Youtube**, 21 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/iApHFKUyIYs>>. Acesso em 5 de out. 2021.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus.** – 10 ed. rev. – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia.** - 1 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GALVÃO, Lúcia Helena (**Nova Acrópole Brasil**). Herói de mil faces 01 Introdução - Leitura comentada do livro de Joseph Campbell. 9 de out. de 2017. Link: <<https://youtu.be/TY9Te2Q-3mw>>. Acesso em 5 de out. de 2021.

GALVÃO, Lúcia Helena (**Nova Acrópole Brasil**). Herói de mil faces 02 - Parte 1, Cap., 1 - O chamado - Melhor Estudo de Mitologia! 16 de out. de 2017. Link: <<https://youtu.be/QWltw7zIwi0>>. Acesso em 5 de out. de 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin (1889-1976). **Ser e tempo.** – 10 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HUSSERL, Edmund, 2001. **Meditações Cartesianas: introdução à fenomenologia.** São Paulo: Madras.

LAGO, Clenio; TAROUÇO, Sabryna Joane Voos Bortoncello; SILVA JUNIOR Da, Edinaldo Enoque. **A SEXUALIDADE NO HORIZONTE DO DISCURSO PÓS-MODERNO.** Reflexão e Ação, v. 24, n. 1, p. 309-328, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17058/rea.v24i1.4380>> Acesso em: 03 de mar. de 2021.

LUCAS, George et al. **STAR WARS: DARK EDITION: Edição épica para uma saga eterna!**. Tradução de Antonio Tibau et al. 1 ed., editora: Darkside. 2019.

MAIA, Rubens Dias. **O conceito de identidade na filosofia e nos atos de linguagem**. 2008. Disponível em:

<<http://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/2852439>>. Acesso em: 30 de set. de 2021.

MIRANDA, Denis de. **A construção da identidade do oficial do Exército**

Brasileiro. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.21902>>.

Acesso em: 30 de ago. 2021.

MVC. O fim de um mundo. **Medium**, cidade de publicação, 29, maio, 2020.

Disponível em: < <https://martimvasques.medium.com/o-fim-de-um-mundo-8cac8ea5bd6c> >. Acesso em: 16, setembro, 2021.

OLIVEIRA, Alex Vilela. **Pós-modernidade e sofrimento psíquico: análise feita a partir de depoimentos de psicólogos clínicos**. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE

CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2006. Disponível em:

<<http://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21770>>. Acesso em: 09 de nov. de 2020.

OLIVEIRA, Cleide Maria. **Vestígios do sagrado na pós-modernidade**. Numen, v. 11, n. 1 e 2, 2008. Disponível em:

<<http://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21770>>. Acesso em 09 de nov. de 2020.

PINTO, Ênio Brito. **Sagrado e Profano: interfaces**. Revista de Gestalt, v. 15, p. 29-34, 2006. Disponível em: <<http://www.eniobritopinto.com.br/wp-content/uploads/2019/01/2006-Sagrado-e-Profano-interfaces.pdf>>.

Acesso em: 09 de nov. de 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

TOLKIEN, J. R. R. O **Senhor dos Anéis**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. **Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização**. Revista brasileira de ciências sociais, v. 25, n. 73, p. 129-141, 2010. Disponível: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n73/v25n73a08.pdf>>. Acesso em: 09 de nov. de 2020.